

**Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade**

**DINÂMICA DA CULTURA COMO RAIZ DA SUSTENTABILIDADE:  
TRANSFORMAÇÃO E EVOLUÇÃO**

**DYNAMICS OF CULTURE AS SUSTAINABILITY ROOT:  
TRANSFORMATION AND EVOLUTION**

Kelly Fabiane Spier Wittmann

**RESUMO**

Os pressupostos da sustentabilidade incorporam ideais de construção de um mundo justo, sustentável e pacífico. Trabalhos teóricos e empíricos que tratam dessa temática, em sua grande maioria, englobam as dimensões social, ambiental e econômica. O argumento aqui apresentado é o da necessidade de integrar outras dimensões, principalmente a cultural, nos estudos envolvendo a sustentabilidade. Partindo desse preceito, esse trabalho teórico pretendeu dialogar com a complexa definição de cultura e apresentar algumas possibilidades de abordagem integrada da cultura com a sustentabilidade. Metas sustentáveis dependem essencialmente de valores, ações e comportamentos humanos que são, por sua vez, culturalmente incorporados. Foram apresentados três papéis da cultura na integração com a sustentabilidade. A cultura como uma quarta dimensão, a cultura como interposição entre as dimensões social, ambiental e econômica e a cultura, em constante mudança dinâmica, como base para a transformação rumo à sustentabilidade. Foi proposta uma representação que relaciona a cultura como raiz e fundamento necessário para a transformação e constante evolução da sustentabilidade. Para fundamentar a transição em direção a uma civilização eco-cultural e dinâmica foi abordado o quadro de valores-crenças-normas e o desenvolvimento do potencial humano através da técnica de *mindfulness* ou atenção plena.

**Palavras-chave:** sustentabilidade, cultura, comportamento humano, *mindfulness*.

**ABSTRACT**

The conditions of sustainability incorporate ideals of building a just, sustainable and peaceful world. Theoretical and empirical studies that address this issue, for the most part, include the social, environmental and economic dimensions. The argument presented here is to need the integrate other dimensions, mainly cultural, in studies involving sustainability. From this precept, this theoretical work aimed dialogue with the complex definition of culture and present some integrated approach possibilities of culture to sustainability. Sustainable goals depend essentially on values, human actions and behaviors that are, in turn, culturally embedded. Three roles of culture were presented in integrating with sustainability. Culture as a fourth dimension, culture as interposition between social, environmental and economic dimensions and culture, in constantly dynamics changing, as a basis for the transformation towards sustainability. It proposed a representation that relates culture as root and foundation necessary for the transformation and constant evolution of sustainability. To support the transition to an eco-cultural and dynamic civilization was approached the table of values beliefs and norms and the development of human potential through the mindfulness technique.

**Keywords:** sustainability, culture, human behavior, mindfulness.

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos envolvendo a temática da sustentabilidade tiveram início na década de 1970, entretanto, somente nos anos 1980 as pesquisas ganharam força, e, em 1987, um conceito de desenvolvimento sustentável foi definido no “Relatório Brundtland”: “O desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades” (CMMAD, 1991, p. 46). Esse relatório já apontava que a humanidade estaria diante de grandes desafios. Os padrões dominantes de produção e consumo estariam causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estavam sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estariam sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres estava aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos aumentavam e eram causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana estaria sobrecarregando o sistema ecológico e social. Em função desse cenário, os debates em torno da temática sustentabilidade receberam notável destaque.

Na década de 1990, John Elkington, num cenário de muitas vertentes e dinâmicas diversas, cunha um conceito que resolveu batizar de "triple bottom line"- ou seja, o de uma nova economia que precisaria ser fundada sobre três pilares: econômico, ambiental e social. A agenda da sustentabilidade incorporaria um resultado final tríplice, focado na prosperidade econômica, na qualidade ambiental e na justiça social (ELKINGTON, 1997).

Nos últimos anos, observa-se, tanto no cenário internacional quanto no nacional, um significativo aumento das pesquisas relacionadas ao tema de sustentabilidade. Recentemente, após mais de três anos de discussão, os líderes de governo e de estado aprovaram, por consenso, o documento “Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”. A Agenda é um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade. Ela busca fortalecer a paz universal com mais liberdade, e reconhece que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global ao desenvolvimento sustentável. Nunca antes os líderes mundiais comprometeram-se a uma ação comum e um esforço através de uma agenda política tão ampla e universal, empenhados em alcançar o desenvolvimento sustentável em suas três dimensões – econômico, social e ambiental – de forma equilibrada e integrada (PNUD, 2016).

O cenário atual, porém, exige refletir se, de fato, as três dimensões da sustentabilidade (ambiental, econômica e social) seriam suficientes para implantar os planos de ação universais propostos pela “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”.

Para Nascimento (2012), o principal problema nessa definição em três dimensões não se encontra nas diferenças de conceituação existentes na literatura especializada sobre cada uma delas, mas no fato de escolhê-las como as essenciais. Esse autor afirma que a sustentabilidade, em sua essência, não deveria ter apenas “três folhas”, mas cinco, incluindo a dimensão cultural e política.

Da mesma forma, propondo uma ampliação das dimensões abarcadas pela sustentabilidade, Ignacy Sachs afirma que é preciso levar em conta, simultaneamente, cinco dimensões: social, econômica, ecológica, espacial e cultural (SACHS, 2007).

A Agenda 21 Brasileira, em sua publicação de ações prioritárias, consagrou o conceito de sustentabilidade ampliada que preconiza a ideia da sustentabilidade permeando todas as dimensões da vida: a econômica, a social, a territorial, a científica e tecnológica, a política e a cultural, ampliando, inclusive, as dimensões definidas no programa de Educação para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (MMA, 2004).

No documento final do plano internacional de implementação da Década da Educação das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (DEDS) a sustentabilidade foi definida como um conceito dinâmico onde sociedade, meio ambiente e economia são

interdependentes e fundamentados na dimensão cultural. Valores, diversidade, conhecimento, linguagens e visão mundial associado à cultura influenciam fortemente o modo de abordar os distintos aspectos da educação para o desenvolvimento sustentável em cada país. Neste sentido, cultura não se limita a uma série de manifestações específicas (música, dança, vestuário, etc.), mas uma maneira de ser, de se relacionar, de se comportar, de acreditar e agir durante toda a vida, e que está em constante evolução (UNESCO, 2005).

A “[Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável](#)” destaca-se como um avanço substancial para o desenvolvimento em muitos campos, particularmente para a cultura, pois é a primeira vez que a agenda internacional de desenvolvimento faz referência à cultura no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) relacionados à educação, cidades sustentáveis, segurança alimentar, meio ambiente, crescimento econômico, padrões sustentáveis de produção e consumo, bem como sociedades pacíficas e inclusivas (UNESCO, 2016).

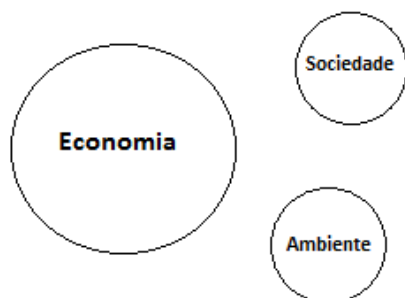
Entretanto, ao inserir a cultura em qualquer debate, discurso, pesquisa ou análise, faz-se necessária uma elaboração e conceituação do termo, dada a sua complexidade. William (1985) destaca a cultura como a teoria das relações entre os elementos de um sistema geral de vida. Para esse autor cultura significava um estado ou um hábito mental ou, ainda, um corpo de atividades intelectuais e morais; agora, significa também todo um modo de vida.

O presente estudo pretende, portanto, dialogar com a complexa definição de cultura, refletir a respeito da importância da dimensão cultural na discussão do tema sustentabilidade, bem como explorar a complexidade da interface entre cultura e sustentabilidade.

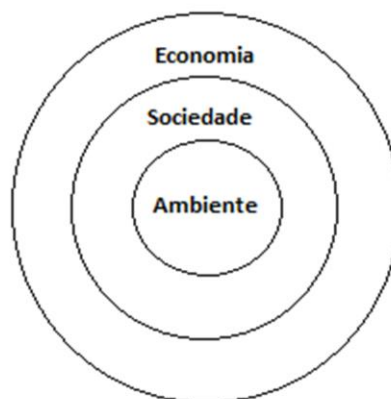
## 2. VISÃO DOS TRÊS PILARES – AMBIENTAL, SOCIAL E ECONÔMICO NA EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE.

A maioria das discussões em torno da temática “sustentabilidade” utiliza os elementos do “Triple Bottom Line – TBL” (economia, sociedade e meio ambiente), como, por exemplo, nos trabalhos de Kurucz, Colbert e Marcus (2014) a respeito das formas de educação em gestão. A teoria econômica clássica retrata impactos positivos ou negativos de uma organização no ambiente e na sociedade como “externalidades” para os negócios. Este ponto de vista desigual que considera de forma distinta as esferas do meio ambiente, economia e sociedade formou a base do pensamento tradicional na educação em gestão. A figura 1 (a) ilustra essa forma de concepção do TBL. Desenvolvimentos mais contemporâneos têm levado a uma visão de que a economia subsume completamente a sociedade e o meio ambiente (Figura 1 (b)). A partir dessa perspectiva, a sociedade e o ambiente são retratados como insumos, “recursos humanos” ou “recursos naturais” para sustentar a economia. Contudo, nos últimos anos, tornou-se comum as empresas enquadrarem seus objetivos em torno do meio ambiente, sociedade e economia. Isto pode ser visto no desenvolvimento da educação em gestão sobre sustentabilidade em que ambiente, economia e sociedade estão interligadas (Figura 1 (c)). O que é muitas vezes ignorado é que existem realidades ecológicas de grande escala entre os relacionamentos que não são representadas de forma adequada. Em contraste, a partir de uma perspectiva ecológica da realidade física, as facetas do “triple bottom line” não são domínios que se sobrepõem, mas estão embutidos um dentro do outro, como círculos concêntricos, com economia no interior da sociedade, que está dentro do ambiente (Figura 1 (d)). Contudo, tal concepção holística hierárquica é incomum no âmbito da pesquisa e teoria e, conseqüentemente, na prática e na educação em gestão (KURUCZ, COLBERT E MARCUS, 2014).

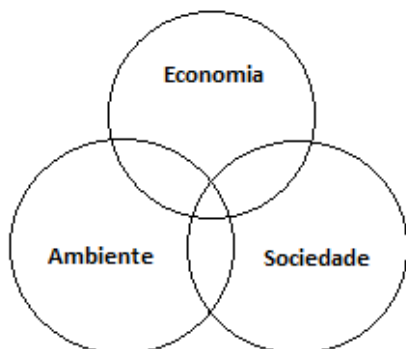
**Figura 1.** A construção social das relações físicas na educação em gestão.



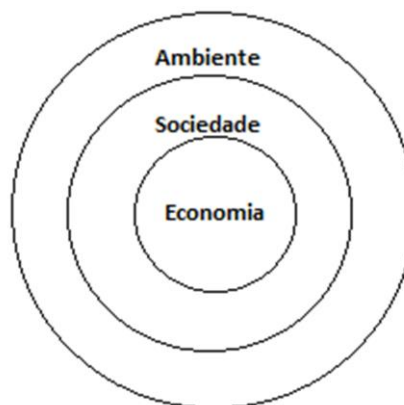
a. Teoria Econômica Clássica:  
uma visão desigual



b. Educação em Gestão Convencional:  
uma visão de subsunção.



c. Educação em Gestão Sobre  
Sustentabilidade: uma visão interligada.



d. Educação em Gestão para a  
Sustentabilidade: uma visão incorporada.

Fonte: Kurucz, Colbert e Marcus (2014, p.440).

### 3. A COMPLEXA DEFINIÇÃO DE CULTURA

“A cultura é uma das duas ou três palavras mais complicadas e isto é assim, em parte, por causa de seu desenvolvimento histórico, mas principalmente porque se tornou um conceito importante em várias disciplinas intelectuais e em vários sistemas distintos e incompatíveis de pensamento” (WILLIAMS, 1985).

Williams (1985) reconhece três grandes categorias ativas de uso da palavra cultura: a) o substantivo independente e abstrato que descreve um processo geral de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético; b) o substantivo independente, seja utilizado em geral ou, especificamente, o que indica um modo particular de vida, seja de um povo, um período, um grupo, ou a humanidade em geral e c) o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e práticas da atividade intelectual e, especialmente artística. Isto parece atualmente o uso mais difundido: cultura é música, literatura, pintura e escultura, teatro e cinema.

E diante desta história complexa e ativa da palavra, é fácil reagir selecionando uma "verdadeira" ou "adequada" ou "científica" e destituir os demais sentidos mais "soltos" ou "confusos" (WILLIAMS, 1985).

Caldas et al. (2015) também enfatizam a complexidade do conceito de cultura, porém, buscam um entendimento mais básico a cerca da palavra. Para esses autores a cultura constitui partilha de valores, crenças e normas através do qual as pessoas "vêm", interpretam, ou dão significado a ideias, ações e ambientes. Cultura é muitas vezes usado como sinônimo de "visões de mundo" ou "cosmologias" para explicar as formas padronizadas de significados atribuídos e interpretações entre os indivíduos dentro dos grupos.

Em seu ensaio sobre o conceito, Bauman (2012) busca dialogar e incorporar o "termo" cultura a três "*univers du discours*" distintos, porém, coexistentes: 1) a cultura como conceito hierárquico; 2) a cultura como conceito diferencial e 3) o conceito genérico de cultura.

Ao abordar a cultura como conceito hierárquico, Bauman (2012) afirma que, independente de ser herdada ou adquirida, a cultura é parte separável do ser humano, é uma propriedade de tipo muito peculiar, sem dúvida alguma: ela partilha com a personalidade a qualidade singular de ser ao mesmo tempo a "essência" definidora e a "característica existencial" descritiva da criatura humana. Nós reprovamos uma pessoa que não tenha conseguido corresponder aos padrões do grupo pela "falta de cultura". Enfatizamos repetidas vezes a "transmissão da cultura" como principal função das instituições educacionais. Tendemos a classificar aqueles com quem travamos contato segundo seu *nível* cultural. Se o distinguimos como uma "pessoa culta", em geral queremos dizer que ele é muito instruído, educado, cortês, requintado acima de seu estado "natural", nobre. Presumimos tacitamente a existência de outros que não possuem nenhum desses atributos. Uma "pessoa que tem cultura" é o antônimo de "alguém inculto" (BAUMAN, 2012).

Segundo Bauman (2012) o conceito diferencial de cultura às vezes preenche o vácuo intelectual deixado pela providência divina e pelo sobrenatural; os poderes explanatórios dessas ferramentas intelectuais, antes onipotentes, reduziram-se bastante com o advento da era moderna, mas a função que desempenhavam não desapareceu de forma alguma. A Idade Moderna proclamou a liberdade humana em relação aos grilhões sobrenaturais. Da mesma forma, produziu uma nova demanda por necessidades produzidas pelo homem para dar conta dos ingredientes involuntários, não imediatamente administráveis, da condição humana. Daí o singular apelo intelectual do conceito diferencial de cultura, pelo qual "os sistemas culturais podem ser considerados, de um lado, produtos da ação e, de outro, influências condicionantes de novas ações". Armado do conceito diferencial de cultura é possível evitar os horrores gêmeos do sobredeterminismo e do voluntarismo metodológico; podem-se explicar de forma inteligível os evidentes limites da liberdade humana sem depreciar nem um pouco o princípio da liberdade de escolha do homem.

Em suma, o conceito diferencial de cultura parece um constituinte indispensável da imagem de mundo moderna, intimamente relacionado à suas articulações mais sensíveis. Nessa íntima afinidade se encontra a verdadeira fonte de energia e persistência desse conceito.

Se a noção hierárquica de cultura coloca em evidência a oposição entre formas de cultura "requintadas" e "grosseiras", assim como a ponte educacional entre elas; se a noção diferencial de cultura é ao mesmo tempo um produto e um sustentáculo da preocupação com as oposições incontáveis e infinitamente multiplicáveis entre os modos de vida dos vários grupos humanos – a noção genérica é construída em torno da dicotomia entre mundo humano e mundo natural; ou melhor, da antiga e respeitável questão da filosofia social europeia – a distinção entre "*actus hominis*" (o que acontece ao homem) e "*actus humani*" (o que o homem faz). O conceito genérico tem a ver com os atributos que unem a espécie humana ao distingui-la de tudo o mais. Em outras palavras, o conceito genérico de cultura tem a ver com as fronteiras do homem e do humano (BAUMAN, 2012).

Bauman esclarece que a noção genérica de cultura foi cunhada para superar a persistente oposição filosófica entre espiritual e real, pensamento e matéria, corpo e mente. Portanto, a cultura é um esforço perpétuo para superar e remover essa dicotomia. Criatividade e dependência são dois aspectos indispensáveis da existência humana, não apenas condicionando-se, mas sustentando-se mutuamente. A agonia da cultura, portanto, está fadada a uma eterna continuidade; no mesmo sentido, o homem, uma vez dotado da capacidade de cultura, está fadado a explorar, a sentir-se insatisfeito com seu mundo, a destruir e a criar.

Essa ideia de continuidade também está presente nas opiniões de Caldas et al. (2015) quando afirmam que a cultura tem características individuais, mas também tem propriedades emergentes que constituem um contexto. No entanto, a cultura não existiria sem ideias conscientes e inconscientes e ações de seres humanos. Cultura trabalha através de "estruturas cognitivas compartilhadas" que orientam pensamento e ação, mas a cultura evolui ao longo do tempo, sendo feito e refeito pelo exercício da agência humana.

Nesse caminho, cultura é interna e subjetiva, um processo cognitivo de vinculação de pensamento e de ação. Os seres humanos usam a cultura tanto como uma motivação e justificção para o comportamento, e ao fazê-lo reproduz a cultura como uma estrutura social transcendente e duradoura que molda pensamento posterior e ação. A cultura influencia o pensamento humano e a ação, probabilisticamente, não deterministicamente, porque os agentes pertencem a muitos grupos sociais e cada um dos quais pode ter uma determinada cultura ou visão de mundo. A tomada de decisão muitas vezes significa selecionar entre os esquemas culturais que podem ser contraditórios, ou discordantes, em forma ou fim (CALDAS et al., 2015).

A cultura pode ser descrita, seguindo o uso universalmente aceito, como "o mecanismo primário pelo qual o homem começa adaptando-se e termina controlando seu ambiente" – afirmação quase perfeita da visão utilitária, submissa, da "função técnica" produzida pela sociedade alienada: você não pode alcançar seus objetivos a menos que se submeta à autoridade do real; então será capaz de controlá-lo, ou seja, de empregar suas regras para fazer o que considera melhor para você, isto é, cortar a fatia mais grossa para uso pessoal. O correlativo intelectual da tirania da realidade numa sociedade alienada é o fato de que os postulados culturais só podem manter seu status e sua dignidade intelectuais como supostos atributos ou descrições da realidade. Presume-se que sejam incorporados ao ser consumado. O que quer que se distinga de modo suficientemente visível para desafiar esse pressuposto é banido para o reino da "subjetividade irreduzível", transformado em assunto apenas pessoal, incomunicável sendo expulso dos domínios da cultura como projeto coletivo da humanidade. É privado do mais importante de todos os atributos da cultura: *sua capacidade crítica*, baseada em sua supremacia sobre o real, presumida e tenazmente perseguida. *A cultura, portanto, é o inimigo natural da alienação.* Ela questiona constantemente a sabedoria, a serenidade e a autoridade que o real atribui a si mesmo (BAUMAN, 2012).

Nesse sentido, Rombauer (2016) pergunta: "o que precisamos, então, aprender para participar mais efetivamente dos espaços que temos para influenciar nosso destino?". A vida social é diversa e cheia de contradições e paradoxos, e para compreendê-la é preciso sair dos guetos e construir espaços efetivos de convergência. E, na base da cultura, está uma competência muito elementar: a de dialogar. Dialogar não é uma formalidade, nem escutar parcialmente o outro enquanto se prepara para dizer outra coisa. Tampouco é uma performance para simular uma postura de liderança. Estamos aqui nos referindo ao diálogo com base na atitude genuína de interesse pelo outro, com uma escuta ativa, na qual exercemos a suspensão (mesmo que temporária) de nossas próprias certezas e julgamentos. Um verdadeiro diálogo requer um exercício contínuo de autoconhecimento: é preciso perceber a

conversa que acontece dentro de cada um de nós e determina nosso entendimento de tudo que ocorre “do lado de fora” (ROMBAUER, 2016).

A cultura é singularmente humana no sentido de que só o homem, entre todas as criaturas vivas, é capaz de desafiar sua realidade e reivindicar um significado mais profundo, a justiça, a liberdade e o bem – seja ele individual ou coletivo (BAUMAN, 2012).

#### 4. DINÂMICA ENTRE CULTURA E SUSTENTABILIDADE

Soini e Dessein (2016) argumentam que é importante e necessário integrar explicitamente a cultura no discurso da sustentabilidade, a fim de atingir metas de sustentabilidade as quais dependem essencialmente de valores, ações e comportamentos humanos que são, por sua vez, culturalmente incorporados.

Corroboram com essa visão Caldas et al (2015) quando afirmam que o conceito de cultura é muito complexo e é um enorme desafio incluir o termo na discussão da sustentabilidade. A cultura, segundo esses autores, possui um "duplo modo de existência" sendo tanto objetivo/externa quanto subjetivo/interna, invocando tanto agência (indivíduos) quanto estrutura.

Sustentabilidade e cultura têm sido amplamente discutidas, mas até agora elas raramente forma explicitamente combinadas. Noções de "sustentabilidade" e "desenvolvimento sustentável" persistem em política e pesquisa, apesar das críticas e do ceticismo que têm enfrentado devido à imprecisão e ambiguidade. Uma análise recente dos discursos científicos em "sustentabilidade cultural" revelou que, embora a "sustentabilidade cultural" é usada em um número significativo de contextos, existem poucas tentativas de analisar e sistematizar conjuntamente a "cultura" e a "sustentabilidade". Cultura ainda é frequentemente analisada dentro ou como parte da dimensão social da sustentabilidade (SOINI E DESSEIN, 2016).

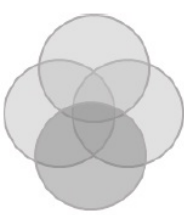
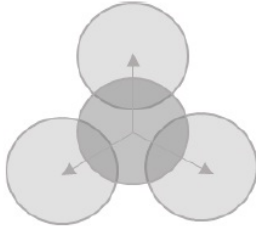
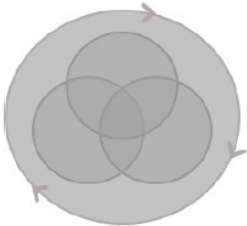
A sustentabilidade tem sido vista como uma integração ou uma situação “win-win” entre as dimensões econômica, social e ambiental e os objetos típicos da pesquisa são o estado do ambiente, as estruturas sociais, a viabilidade econômica, institucional e mecanismos de governança. Ao apresentar a cultura para o debate com a sustentabilidade, os valores, comportamentos e as formas de vida dos seres humanos deverão ser incluídos na análise. Isto implica não apenas nas questões metodológicas, mas também nas questões normativas (SOINI E DESSEIN, 2016).

Soini e Dessein (2016) apresentam um quadro comparativo que é o resultado de quatro anos da rede de pesquisa COST IS1007 “Investigando Sustentabilidade Cultural” (2011-2015). A rede foi composta por pesquisadores de várias disciplinas que vão desde as ciências sociais e humanísticas, à geografia e planejamento ambiental. Durante uma série de *workshops*, várias dimensões da cultura e da sustentabilidade foram discutidas bem como um projeto do quadro comparativo foi triangulado, adaptado e refinado. O processo utilizado pode ser rotulado como "de aprendizagem transversal interdisciplinar": lutando pela unidade numa complexidade do conhecimento, integrando diferentes saberes através de práticas onde os pesquisadores de uma disciplina emprestam e adaptam os métodos e metáforas de outras disciplinas, dentro do sistema compartilhado mais amplo da ciência.

O quadro comparativo originado das pesquisas propôs três papéis da cultura na integração com a sustentabilidade. A primeira representação considera a cultura como se tivesse um papel independente na sustentabilidade: torna-se o quarto pilar da sustentabilidade. Esta representação vê a sustentabilidade cultural como paralela à sustentabilidade ecológica, social e econômica. São reconhecidas, nessa representação, a importância da conservação, manutenção e preservação do capital cultural em diferentes formas como artes, patrimônio,

conhecimento e diversidade cultural para as próximas gerações, bem como a cultura como um pilar independente da sustentabilidade social. A segunda representação refere-se à cultura como mediadora para alcançar a sustentabilidade econômica, social e ecológica. Esta representação, denominada cultura para a sustentabilidade, sugere que tanto cultura material quanto imaterial é vista como um recurso essencial para o desenvolvimento econômico local e regional. Implica também que os valores culturais e percepções precisam ser considerados quando se aponta para a sustentabilidade ecológica ou social. A terceira representação considera a cultura como fundamento necessário para atingir os objetivos globais de sustentabilidade. Esta representação, chamada cultura como sustentabilidade, encerra os outros pilares da sustentabilidade e torna-se uma dimensão global da sustentabilidade. Em outras palavras, a sustentabilidade torna-se enraizado na cultura e leva a uma civilização eco-cultural – Tabela 1 (SOINI E DESSEIN, 2016).

**Tabela 1.** As três abordagens e oito dimensões estruturantes exploram as relações entre cultura e sustentabilidade. Na figura círculos cinza representam os três pilares (ecológico, econômico, e social) da sustentabilidade, e a cultura cinza escuro. A cultura é um "quarto pilar" (diagrama da esquerda), a cultura se interpõe entre os três pilares (diagrama central) e a cultura é a base para a transformação rumo à sustentabilidade (diagrama à direita), onde as setas indicam a constante mudança dinâmica da cultura como sustentabilidade.

	Primeiro: Cultura na sustentabilidade	Segundo: Cultura para a Sustentabilidade	Terceiro: Cultura como Sustentabilidade
			
Definição de cultura	cultura como capital	cultura como um modo de vida	cultura como produtora de significado
Cultura e desenvolvimento	cultura como uma realização no desenvolvimento	cultura como um recurso e condição para o desenvolvimento	desenvolvimento como um processo cultural
Valor da cultura	intrínseco	instrumental e intrínseco	incorporado
Cultura e sociedade	complementando	proporcionando	transformando
Cultura e ambiente	perspectiva humana da natureza	interação entre cultura e natureza	natureza como constituinte da cultura
Setores políticos	políticas culturais	todas as políticas	novas políticas
Formas de governança	governança hierárquica, primeira ordem	co-governança, segunda ordem	governança própria e meta-governança
Abordagem da pesquisa	principalmente mono e multidisciplinar	principalmente multi e interdisciplinar	principalmente inter e transdisciplinar

Fonte: Soini e Dessein (2016).

Na primeira representação, o objetivo é dar a atenção adequada e igual aos aspectos culturais dentro da pesquisa e políticas da sustentabilidade. A segunda contém uma compreensão de um papel mais funcional de cultura no mais amplo contexto da sustentabilidade, mas o objetivo é, em vez de encontrar abordagens culturalmente mais sensíveis, ser reformadora da sustentabilidade. Na terceira representação, o objetivo é promover uma transformação da sociedade para uma condição mais sustentável, ampliando a compreensão da natureza como uma forma de capital humano para uma constituinte da

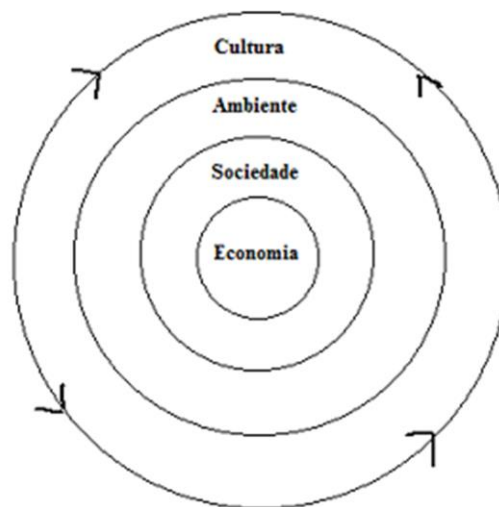


cultura (sustentável). Isto também implica que, enquanto a primeira e a segunda representações abordam a cultura como um resultado ou parte do processo de desenvolvimento sustentável, na terceira representação é parte de um processo com vista para a transformação em constante evolução. Deste modo, a terceira representação ressoa melhor com a sustentabilidade em vez de com o desenvolvimento sustentável (SOINI E DESSEIN, 2016).

À medida que observamos as representações da esquerda para a direita é possível observar um aumento da diversidade política, da evolução das formas de governança e da complexidade na orientação de pesquisa, que também se estende desde abordagens baseadas em disciplinas estreitas até a transdisciplinaridade. Embora a primeira representação seja apresentada como estável e antropocêntrica e a terceira como dinâmica, holística e ecocêntrica, deve-se ter cuidado para não interpretar a tabela como um caminho evolutivo ou normativo estrito: dependendo do seu uso, todas as três representações podem ser relevantes em seus contextos, seja teórica, política ou prática (SOINI E DESSEIN, 2016).

Ao relacionar a cultura como raiz e fundamento necessário para a transformação e constante evolução da sustentabilidade (SOINI E DESSEIN, 2016) com a visão incorporada da educação em gestão para a sustentabilidade, apresentada por (KURUCZ, COLBERT E MARCUS, 2014), propomos a seguinte representação para a cultura como sustentabilidade:

**Figura 2.** Representação da cultura como sustentabilidade associada à visão incorporada da educação em gestão.



Fonte: Proposta pela autora

## 5. CULTURA COMO SUSTENTABILIDADE: TRANSFORMAÇÃO E EVOLUÇÃO

A cultura humana, longe de ser a arte da adaptação, é a mais audaciosa de todas as tentativas de quebrar os grilhões da adaptação como obstáculo fundamental à plena revelação da criatividade humana. A cultura, sinônimo da existência especificamente humana, é um audacioso movimento a fim de que o ser humano se liberte *da* necessidade e conquiste a liberdade *para* criar (BAUMAN, 2012).

No caminho da transformação e evolução em direção a uma civilização eco-cultural, dinâmica, holística e sustentável será necessária uma transição de valores materialistas para pós-materialistas, do antropocentrismo para a compreensão da natureza como uma forma de capital humano.

A difícil questão é como essa transição pode ser atingida?

Caldas et al. (2015) apontam que avanços teóricos e empíricos tornaram possível modelar mais rigorosamente a cultura em nível individual. O quadro de valores-crenças-normas (sigla em inglês VBN) foi especificamente concebido como uma ferramenta para comparações interculturais. Este quadro abre a caixa-preta da cultura desagregando-a em conceitos empíricos discretos ligados em uma cadeia causal de cognição social-psicológica. O modelo postula que os valores profundamente arraigados - ideias centrais sobre o certo e o errado - são de fundamental influência cultural na tomada de decisões ambientais e no comportamento. Valores (V) são antecedentes às crenças (Behavior), ou cosmo visões gerais sobre a relação entre os seres humanos e o ambiente, que formam normas (N) sobre as consequências da ação e a responsabilidade pessoal para agir.

Compreender o papel da cultura envolve: que existem tipos de configurações culturais em um lugar particular; e que o grau de configurações de cultura é compartilhado. Lugar e cultura não são necessariamente homólogos porque os agentes têm acesso a múltiplas configurações culturais em que podem transitar, carregando as suas culturas com eles quando eles se moverem, e, no processo, alterando a cultura de um lugar (CALDAS et al., 2015).

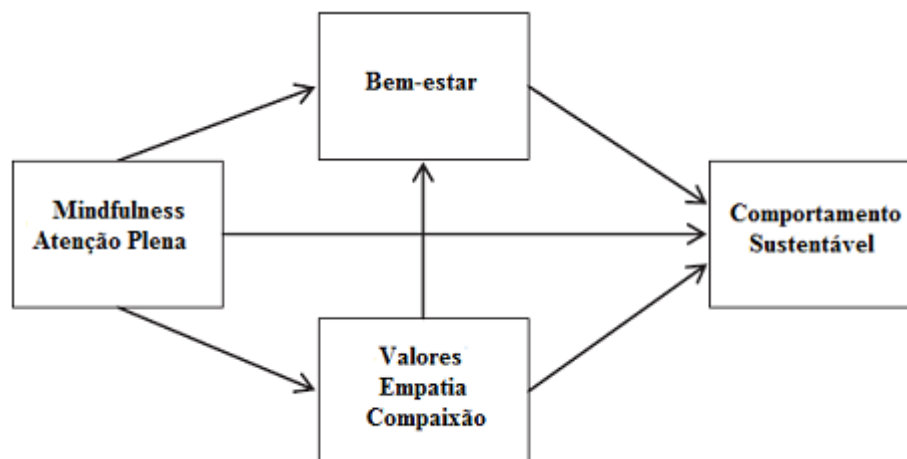
A cadeia causal VBN poderia ser usada para explicar e prever comportamentos ambientais, incluindo a adoção de práticas sustentáveis e suporte para políticas sustentáveis. No entanto, para prever alterações ambientais relacionadas com a cultura é requerido um tratamento endógeno da cultura em modelos integrativos com o ambiente humano. Endogeneizar a cultura permite que a estrutura de VBN seja dinâmica ao longo do tempo e capture a heterogeneidade cultural através do espaço dentro de uma região de estudo. Além disso, endogeneizar a cultura também significa integrar a modelagem com a participação das partes interessadas durante todo o processo de pesquisa (CALDAS et al., 2015).

Pode haver educação para "desenvolver o potencial humano"? Ericson, Kjonstad e Barstad (2014) discutem "mindfulness" (atenção plena) como uma contribuição possível. "Mindfulness" ou atenção plena é uma técnica de treinamento mental que promove a conscientização e uma forma mais consciente de vida. Um número crescente de estudos científicos acredita que os efeitos relatados sobre os indivíduos, tais como aumento do bem-estar, clarificação do valor, consciência, empatia e compaixão poderiam ser úteis no apoio a uma transição para a sustentabilidade. Estudos que não são especificamente relacionados com "mindfulness" sugerem que o bem-estar, a empatia/compaixão e valores intrínsecos/não materialistas podem levar a um comportamento sustentável (ERICSON, KJONSTAD E BARSTAD, 2014).

"Mindfulness", basicamente, significa ser consciente e estar consciente, tomando nota do que está acontecendo dentro de nós mesmos e fora do mundo, sem recuar longe de informações ou sentimentos que não gostamos ou não queremos que sejam verdadeiros. "Mindfulness" é um conceito que pode ser visto de várias formas: uma técnica de treinamento mental (meditação) que nos engajamos para um período do dia, ou uma forma de estar na nossa vida cotidiana. Surgiu a partir da tradição budista e pode aumentar a consciência e capacitar os indivíduos a se concentrar e continuamente recentrar nas suas necessidades e bem-estar, o que poderia dar origem a novas perspectivas sobre como podemos nos desenvolver como indivíduos e sociedades. Os valores são muitas vezes adotados das pessoas próximas, como a família, amigos, e o resto da sociedade. O treinamento da mente pode nos ajudar a sermos mais conscientes de processos de pensamento e menos receptivos a persuasão por outros. Isso poderia tornar mais fácil a distinção entre necessidades e desejos, e

deliberadamente escolher o nosso estilo de vida (ERICSON, KJONSTAD E BARSTAD, 2014).

**Figura 3.** Hipótese da relação entre “mindfulness”, valores, empatia/compaixão, bem-estar e comportamento sustentável.



Fonte: Ericson, Kjonstad e Barstad (2014, p.75).

Outro aspecto interessante é que “mindfulness” parece aumentar a compaixão e a empatia, que, por sua vez, podem melhorar as relações sociais. A empatia é frequentemente associada com comportamento pró-social e é um importante facilitador do altruísmo. Por outro lado, a compaixão é sugerida para ser um preceptor de saúde psicológica e de bem-estar e, ao mesmo tempo, promove o comportamento altruísta e a generosidade (ERICSON, KJONSTAD E BARSTAD, 2014).

Os resultados dos estudos sobre “mindfulness” sugerem que sua promoção e meditação benevolente em escolas, locais de trabalho, e em outros lugares poderia ser interpretado como uma política que paga um "duplo dividendo" na medida em que pode contribuir tanto para modos de vida mais sustentável como para um maior bem-estar (ERICSON, KJONSTAD E BARSTAD, 2014).

## 6. CONCLUSÃO

São imensos os desafios que a humanidade tem diante de si na esperança de um mundo justo, sustentável e pacífico.

Fica evidente a relevância da inserção da dinâmica cultural para a transformação e constante evolução da sustentabilidade uma vez que, segundo Bauman (2012) ela possui o atributo da capacidade crítica e é a inimiga natural da alienação.

As distintas possibilidades para integrar a cultura com a sustentabilidade são pressupostos importantes para trabalhos futuros, principalmente quando a cultura é tratada como raiz e fundamento necessário para a transformação e evolução da sustentabilidade.

Valores, ações e comportamentos humanos são essencialmente incorporados pela cultura e, neste aspecto fica evidente a necessidade de aprofundar pesquisas direcionadas a evolução e transformação dos indivíduos. Consciência, empatia, compaixão e valores intrínsecos e ecocêntricos poderão direcionar os seres humanos a um comportamento sustentável.

Os conceitos de cultura e sustentabilidade são complexos e, portanto, está posto o enorme desafio de incluir a cultura na discussão de sustentabilidade. Aqui existe o perigo de

reduzir a complexidade da realidade. É importante categorizar, posicionar e sistematizar adequadamente as pesquisas, discussões políticas ou atividades práticas sobre cultura e sustentabilidade, a fim de aumentar a precisão destas atividades.

Este trabalho teórico apresentou algumas ideias iniciais para modelar a cultura em nível individual, utilizando o quadro de valores, crenças e normas (VBN), a fim de explicar e prever comportamentos para inclusão de práticas sustentáveis. Os estudos relacionados a essa temática precisam ser aprofundados.

Da mesma forma, o conceito de “mindfulness” foi brevemente apresentado exigindo novas pesquisas relacionando bem-estar, empatia e compaixão com valores sustentáveis.

## 7. REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmund. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Edição digital. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.
- CALDAS, et al. Opinion: Endogenizing culture in sustainability science research and policy. **PNAS - [Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America](#)**. v. 112, n. 27, 2015, p. 8157-8159.
- CMMAD. Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum**. 2. Ed.. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, FGV, 1991.
- ELKINGTON, John. **Cannibals with forks: the triple bottom line of 21st century business**. 1.ed. Capstone, 1997.
- ERICSON, T.; KJONSTAD, B. G.; BARSTAD, A.. Mindfulness and sustainability. **Ecological Economics**. v. 104, 2014, p. 73-79.
- KURUCZ, E.C.; COLBERT, B. A.; MARCUS, J.. Sustainability as a provocation to rethink management education: Building a progressive educative practice. **Management Learning**. v. 45, n. 4, 2014, p. 437-457.
- MMA. Ministério do Meio Ambiente. **Agenda 21 brasileira: ações prioritárias**. 2 ed.. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 158 p.
- NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Revista de Estudos Avançados**. São Paulo, n. 74, v. 26, 2012, p. 51-64.
- PNUD. Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento. **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/ODS.aspx>>. Acesso em 24/06/2016.
- ROMBAUER, E. Reaprender a dialogar: uma base para a participação democrática. **Revista Eletrônica P22\_ON – Centro de Estudos em Sustentabilidade EAESP/FGV**. Edição digital, março 2016.
- SACHS, Ignacy. **Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento**. Ignacy Sachs; Paulo Freire Vieira (org.). São Paulo: Editora Cortez, 2007.
- SOINI, K; DESSEIN, J.. Culture-Sustainability Relation: Towards a Conceptual Framework. **Sustainability**. v. 8 (2), n. 167, 2016, 12p..
- UNESCO. **A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/post-2015-development-agenda/unesco-and-sustainable-development-goals/sustainable-development-goals-for-culture-on-the-2030-agenda/>>. Acesso em 24 jun. 2016.
- UNESCO. **Década da Educação das Nações Unidas para um Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014**: documento final do esquema internacional de implementação. Brasília: UNESCO, 2005. 120p.

WILLIAMS, Raymond. **Keywords:** A vocabulary of culture and society. Edição revisada.  
New York: 1985.